

*Combate al sectarismo: dissidências e embates políticos ao longo da Revolução Cubana (1959-1964)**

RICARDO ANTONIO SOUZA MENDES*¹

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

ANA PAULA CECON CALEGARI*²

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Resumo: Analisamos, nesse texto, o processo histórico iniciado após a vitória da Revolução Cubana de 1959, considerando as lutas pelo poder e pela afirmação de projetos políticos e ideológicos que entraram em conflito dentro da ilha no contexto da década de 1960. Pelo viés da história política, reconstruímos e problematizamos os eventos relativos àquilo que ficou conhecido como *combate al sectarismo*, narrando o caso do afastamento e prisão de dois personagens políticos da época que foram considerados como disseminadores de posturas “sectárias” e “divisionistas”. Com base nessas acusações, o governo revolucionário cubano buscou legitimar a condenação pública e criminal dos envolvidos.

Palavras-chave: Revolução Cubana; Sectarismo; Divisionismo.

Abstract: We analyzed, in this text, the Cuban historical process considering the power struggles and the affirmation of political and ideological projects that came into conflict after the victory of the Revolution of 1959. Through the political history, we intend to rebuild and discuss the events related to what was known on the island as fighting to sectarianism, observing the case of expulsion and imprisonment of two political figures of the time that were seen as perpetrators of sectarian and divisive attitudes, and these positions were taken as reasons to public condemnation of those involved.

Keywords: Cuban Revolution; Sectarianism; Divisionism.

* Recebido em 05 de agosto de 2015 e aprovado para publicação em 12 de setembro de 2015.

¹ Professor Adjunto de História da América na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e ProCientista da Instituição, está associado ao Núcleo de Estudos das Américas (NUCLEAS). Contatos: rasmric@oi.com.br.

² Mestre em história pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente leciona história na rede pública estadual do Espírito Santo. E-mail: anapccalegari@gmail.com.

Introdução

Um dos principais acontecimentos da História da América Latina no século XX, a Revolução Cubana representa um importante marco na história da região. Significou o fim da Pax Monrovia ditada pelos Estados Unidos, e reforçou um ciclo, ainda que breve, de contestações à hegemonia estadunidense. Podemos afirmar que, mais importante do que os efeitos materiais da Revolução, foram os desdobramentos simbólicos, com a difusão do mito do foquismo atemorizando as direitas latino-americanas, bem como impulsionando, com sua exemplaridade o aparecimento de inúmeros movimentos de luta armada.

No entanto, o que buscaremos discutir aqui está no âmbito dos embates políticos internos ao processo revolucionário. A ruptura proporcionada pela Revolução viabilizou a execução de novos projetos nos campos da política, da economia e da cultura que, de fato, transformaram profundamente a sociedade cubana. Esse processo não ocorreu sem intensos debates, confrontos e conflitos diversos, fruto das inúmeras perspectivas e possibilidades a respeito dos rumos que a nação poderia tomar.

Dentre os grupos que atuaram na luta contra a ditadura e que desempenharam um importante papel dentro da Revolução, destacamos o Movimento 26 de Julho (M-26-7), liderado por Fidel Castro, Camilo Cienfuegos, Enrique Oltuski, Frank Pais, Crescencio Peres e Ernesto Che Guevara, que atuou nas áreas interioranas de Cuba empreendendo a luta armada que cortou o país e entrou vitoriosa em Havana em 1º de Janeiro de 1959.¹ A unidade do M-26-7 não foi absoluta, podendo ser apresentada a existência, dentro do movimento, de no mínimo duas facções. O grupo que se localizava na região oriental da ilha, em especial no interior das províncias de Guantánamo e Santiago de Cuba, era chamado de *Sierra*; foi

¹ O movimento foi formado após o ataque a um quartel militar na província de Santiago de Cuba no ano de 1953. O objetivo dos rebeldes era tomar as armas que havia no local e incitar a rebelião popular a fim de destituir o governo num processo mais longo de estímulo às lutas sociais. O fracasso da ação levou vários de seus participantes à prisão e alguns outros foram assassinados. Nos anos seguintes, foi formado, oficialmente, o Movimento 26 de julho, que reunia participantes daquela ação e outros militantes que aderiram à causa defendida pelo grupo.

este que empreendeu guerra de guerrilhas e tornou-se o principal elemento no desenvolvimento da luta contra a ditadura em termos de organização e vitórias efetivas sobre as forças policiais. Dando suporte às ações da guerrilha e desenvolvendo ações armadas clandestinas nas cidades, encontrava-se o *Llano*, facção do M-26-7 que esteve subordinada aos combatentes da *sierra*. Ainda que o papel desempenhado pelo Movimento 26 de Julho (M-26-7) tenha sido protagônico, esse não foi o único a articular a luta contra a ditadura de Fulgencio Batista.

Ao lado destes combatentes, estava o Diretório Revolucionário, ligado a Universidade de Havana. Ambos planejaram ações conjuntas desde 1957 e, nesse tempo, assinaram documentos que orientavam suas ações assim como traçavam projetos políticos a serem postos em prática após a destituição do governo que esperavam derrubar. Poucos meses antes da vitória final desses rebeldes, num momento em que as forças de oposição ao regime ganhavam projeção e alcance territorial, o Partido Socialista Popular (PSP) se aliou aos movimentos de luta armada.² Tal coalizão de forças, juntamente com outros grupos de resistência cívica, que atuavam nas áreas urbanas e rurais promovendo greves e protestos, conseguiu derrubar a ditadura.³ Com a fuga de Fulgencio Batista de Cuba, os espaços político e administrativo foram logo ocupados por aqueles que tiveram mais proeminência na luta. Contudo, a acomodação desses grupos e personagens nos cargos de poder não se deu sem atritos. O M-26-7, devido ao fundamental e protagonista papel que desempenhou nas lutas antecedentes, tornou-se hegemônico na direção da Revolução. À Fidel Castro, seu líder, coube não só as funções relativas ao cargo de primeiro-

² A adesão tardia do PSP à luta armada deve-se a tática e estratégia adotada pelo partido desde a década de 1940, a qual previa o desenvolvimento de seu programa político dentro da ordem institucional burguesa a fim de possibilitar a conscientização da classe trabalhadora e criar condições para a realização de uma revolução. Por isso, entre os anos de 1953 até 1957, o partido condenou a luta armada por considerá-la uma tática pequeno-burguesa e incapaz de alterar a realidade vivida pela ilha.

³ Naquele contexto outros agrupamentos atuaram na clandestinidade em oposição à ditadura. Destacamos a Organização Autêntica, um movimento armado ligado ao Partido Autêntico, e a *Sociedad de los amigos de la República*, um grupo formado no final da década de 1940 por intelectuais, que, naquela conjuntura, desempenhou um papel de mediação política, sem muito sucesso, entre o governo e alguns de seus opositores.

ministro, mas também as de chefe das forças armadas e, incontestavelmente, ele se converteu na principal liderança carismática daquele momento.

Nos anos seguintes, esses conflitos adquiriram novos contornos e o governo agiu de modo a coagir as críticas internas e suprimir posturas e opiniões consideradas como inimigas da Revolução. O argumento utilizado era de que se tratavam de posturas e perspectivas caracterizadas pelo “sectarismo” e pelo “divisionismo”. Um exemplo dessa estratégia, talvez o caso mais sério fundado nessas acusações, ocorreu no momento em que Castro acusou publicamente os militantes comunistas do PSP de estarem beneficiando os membros de seu próprio partido na distribuição de cargos e de favores governamentais. Não por acaso, nesse momento se realizava em Cuba uma tentativa de centralização do poder e de união dos diversos grupos que haviam agido de forma relativamente autônoma ao longo da luta armada contra Fulgêncio. O objetivo de tal intento era a formação de um único partido político.

Dito isso, o objetivo de nossa narrativa se direciona para a análise das críticas feitas pelo governo cubano ao que fora considerado como posturas “divisionistas” e “sectárias”. Buscamos entender o fundo político dos acontecimentos e o desenrolar das tensões que opuseram os militantes do Movimento 26 de Julho e os membros do Partido Socialista Popular, com destaque às figuras de Fidel Castro, Aníbal Escalante e de Marcos Rodriguez. O tema escolhido é um daqueles assuntos que nos trazem mais perguntas do que respostas, mas também, abre caminho, por ser uma temática inédita, para pesquisas futuras. Buscamos colaborar com um conjunto de trabalhos existentes na historiografia brasileira sobre Cuba que apresenta como foco central os casos de discordância, rompimento e dissidência em relação aos rumos desenvolvidos pela liderança do grupo militarista – centrada na figura de Fidel Castro – na condução do processo revolucionário cubano. Dentre esses trabalhos citamos as pesquisas de Silvia César Miskulin⁴ e do grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais – do departamento de História – que estão desenvolvendo estudos no campo das experiências

⁴ Os principais trabalhos publicados por Miskulin são seus livros intitulados *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)* e *Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)*.

exílicas cubanas e latinoamericanas. Por fim, ressaltamos o esforço para reconstruir os eventos narrados destacando a escassez de documentos e bibliografias sobre assunto tanto no Brasil como em Cuba.⁵

As fontes escolhidas foram os discursos pronunciados por Fidel Castro, principalmente no ano 1962, pois foi nesta data que ocorreu o episódio que mais nos interessa.⁶ Buscamos nessa documentação os conteúdos relacionados ao objeto de estudo e à conjuntura em que ocorreram (onde e para quem foi pronunciado). Apoiamos-nos na análise do discurso como metodologia e compartilhamos com a perspectiva de Eni Orlandi, para quem, nesta metodologia, o investigador deve evidenciar sua compreensão do que é a “textualização do político, a simbolização das relações de poder, o modo de historicização dos sentidos e o modo de existência dos discursos dos sujeitos, na sociedade e na história”.⁷

As referências sobre o tema em pauta são difusas e por isso buscamos informações complementares em textos que abordaram a conjuntura dos eventos, os quais tiveram como pano de fundo a formação do partido comunista que, nessa época, chamava-se *Organizaciones Revolucionarias Integradas (ORI)* e depois *Partido Unido de la Revolución Socialista (PURS)*, os conflitos entre as organizações políticas e os debates em torno dos projetos para encaminhar a Revolução nos anos pós-1959. Lembramos também que internacionalmente, neste momento, existia um conflito dentro do movimento comunista que girava em torno do debate sobre os métodos para a realização da revolução, sendo que o processo cubano havia colocado a questão da luta armada como uma possibilidade de destituição

⁵ No primeiro capítulo da dissertação de mestrado de Ana Paula Cecon Calegari, intitulada *Contrarrevolucionários e dissidentes nos discursos de Fidel Castro, Cuba, 1959-1962*, há uma análise das principais obras historiográficas cubanas que abordavam o tema das oposições à Revolução. No campo da contrarrevolução armada há inúmeras narrativas sobre as mais variadas formas de violência que os cubanos foram alvo naqueles anos. Contudo, observamos também a escassez de textos dentro da ilha sobre os dissidentes e sobre as oposições dos intelectuais a algumas ações do governo na época.

⁶ A documentação encontra-se transcrita e disponível no site oficial do governo cubano (<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>)

⁷ Orlandi *apud* Cappelle, Mônica; Mello, Marlene; & Gonçalves, Carlos Alberto. *Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais*. Revista Organizações rurais e agroindustriais, v. 5, n. 1, 2003.

de regimes instituídos e com isso inseriu um elemento novo nas teorizações dos partidos comunistas, pois a tática em questão não era uma possibilidade para muitas daquelas agremiações ligadas às diretrizes da União Soviética até os anos 1960.

Questões da história política cubana

A conjuntura histórica de nossa discussão refere-se a um momento da Guerra Fria marcado pelo crescimento da tensão entre os blocos capitalista e socialista após a Revolução Cubana e a declaração do caráter socialista da mesma em abril de 1961. No que se refere à essas disputas no plano Europeu, Asiático e Africano o que predominava era a denominada “distensão”. Já no “Extremo Ocidente” as tensões acentuavam-se significativamente, destoando do cenário mais amplo.

Quando o governo rebelde anunciou sua opção ideológica pelo comunismo, os militantes do Partido Socialista Popular ganharam uma projeção ainda maior dentro da estrutura governamental por serem considerados os militantes com melhor formação teórica para orientar o processo de construção de uma sociedade pautada naquela ideologia. Contudo, as relações entre o Movimento 26 de Julho e os socialistas nem sempre foram amistosas. Desde 1953, o PSP condenava as ações do M-26-7 que estavam sendo desenvolvidas, principalmente quanto à adoção da guerra de guerrilha,⁸ que era considerada uma estratégia típica da pequena burguesa.⁹ Essa tática não era considerada adequada dentro do modelo de revolução defendido pela União Soviética, a partir da qual o PSP se orientava.

⁸ “O PSP encontrava-se na clandestinidade desde 1953, não defendia a ação armada, mas a convocação de eleições livres, conforme a orientação do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, que propunha a via pacífica para o socialismo” (MISKULIN, 2003, p. 34).

⁹ Para maiores esclarecimentos sugerimos o documento *Balance de la actividad de la Dirección Nacional del Partido desde 26 de julio hasta la fecha...* que encontra-se na obra: LÖWY, Michel (Org.). *O comunismo na América Latina*. Trad. Cláudia Schilling, Luís Carlos Borges. 3. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.

Somente após o primeiro semestre de 1958 é que o Partido Socialista e o M-26-7, juntamente com o Diretório Revolucionário, começaram a estabelecer e aprofundar os contatos entre si. Cabe dizer que no planejamento da Greve Geral de Abril de 1958, o Partido não foi incluído. É interessante notar que as classes trabalhadoras e os sindicatos tinham afinidade com o PSP e, como Moniz Bandeira (2007, p. 198) e Richard Gott (2009, p. 183) assinalam, o Partido ajudou a minar a greve na medida em que não mobilizou as forças operárias que estavam sob sua direção. Isso contribuiu para aumentar as desconfianças de Fidel Castro e sua organização em relação àqueles antigos comunistas. Após a greve, todavia, as relações entre os movimentos foram se afinando e os insurgentes puderam estabelecer diálogos mais próximos e estratégias conjuntas a fim de derrocarem a ditadura.

Observamos que das três organizações citadas acima, apenas o PSP tinha um histórico de atuação política de longa data,¹⁰ uma estrutura partidária já formada e hierarquizada, um programa político mais bem formulado e líderes que atuavam internamente já há algumas décadas. Essas características do partido foram importantes quando em 1961, em meio a invasão estrangeira de contrarrevolucionários,¹¹ Castro declarou oficialmente que a Revolução, a partir daquele momento, adotava o comunismo como ideologia política.

O trabalho de construção de uma sociedade orientada por esses novos princípios e por um partido único, cuja legitimidade deveria ser forjada no curso do próprio processo histórico, encontrou viabilidade na

¹⁰ O Partido Socialista Popular já atuava em Cuba desde o início dos anos 40, sendo que grande parte de seus militantes pertenceram ao Partido Comunista que o antecedeu na década de 1930. Sugerimos o artigo *The Cuban communists in the early stages of the Cuban revolution: revolutionaries or reformists?* de Samuel Farber para outros esclarecimentos sobre a atuação dos comunistas cubanos nos anos 1950, assim como o terceiro tomo da obra *Historia del Primer Partido Comunista Cubano*, de Angelina Rojas Blaquier.

¹¹ A invasão a Baía dos Porcos ou Invasão à Playa Girón foi um episódio no qual cubanos, em sua maioria, treinados pela CIA organizaram uma expedição para invadir Cuba e organizar guerrilhas dentro da ilha com o objetivo de acabar com a Revolução e destituir Castro e seus ministros do poder. Contudo, a tentativa fracassou devido a grande mobilização tanto das forças armadas quanto das milícias revolucionárias, que se direcionaram rapidamente ao local onde os expedicionários desembarcam (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 304/5)

ordenação política que o PSP oferecia. Rafael Rojas (2007, p. 75) chamou a atenção para tal fato, destacando as dificuldades em conciliar os grupos políticos que existiam naquela conjuntura.

O processo de unificação, entretanto, não foi nada cômodo. Cada organização sobrevivia a seu modo dentro do partido e do governo. Os comunistas, que eram o único grupo possuidor de um projeto econômico, cultural e ideológico bem perfilado, chamaram a si, com o beneplácito de Fidel Castro, o controle da economia, da política e da cultura do país.

Júlio César Guanche (2014, p. 2) expressou sua opinião a respeito dessas diferenças destacando o quanto parece ser paradoxal o resultado da convivência das ideologias encontradas dentro do processo revolucionário, dos rumos políticos diferentes e até opostos que cada grupo desejava imprimir ao contexto. Tais conteúdos se mesclavam, confundiam e produziam sínteses muito contraditórias, de acordo com o autor. E o efeito dessas diferenças pôde ser observado quando o governo afirmou a necessidade de formar um partido único para dirigir e organizar os rumos da Revolução Cubana e deu início, em 1961, aos trabalhos de estruturação deste novo agrupamento.

O objetivo do estabelecimento de um partido único se relaciona a um processo de centralização do poder em torno da figura de Fidel Castro, paralelamente à subordinação dos comunistas do PSP. Autores como Gorender e Rollemberg observam essa busca pela afirmação da liderança do processo revolucionário através de uma outra estratégia adotada. Defendem esses autores que a difusão do mito do foquismo não estaria relacionada tão somente à proposta latinoamericanista de Guevara de levar a Revolução ao conjunto da região. Para Gorender, a proeminência do mito da luta armada teria sido um instrumento a mais na consolidação do poder revolucionário recém-estabelecido e capitaneado por Fidel Castro. O fato de ser a “única força militar organizada e senhora do poder de coerção” por si só não garantiriam o poder. Por isso, seria “preciso sancionar o monopólio material da coerção pela legitimação ideológica perante as demais correntes participantes da revolução e perante as massas” (GORENDER, 1987, p. 82). Já Rollemberg (2001, p. 65) considera que existia um profundo

interesse de determinadas lideranças políticas cubanas no desencadeamento da exportação da revolução na medida em que esta objetivava muito mais garantir uma base de apoio interno.

Retomando a discussão em torno da fundação de um partido único, a primeira tentativa de sua criação foi através da ORI - Organizações Revolucionárias Integradas. Este órgão foi instituído oficialmente em julho de 1961 com o objetivo de agrupar as forças políticas que fizeram a Revolução e que foram responsáveis pela administração do processo até aquele momento, dentre as quais estavam o M-26-7, o PSP e o Diretório Revolucionário. Devido a tal iniciativa cresceu a preponderância dentro do governo cubano de alguns conhecidos nomes ligados ao PSP. Dentre eles estão: Carlos Rafael Rodriguez, Blas Roca, Lázaro Peña, Aníbal Escalante e Marcos Rodriguez, lideranças bem conhecidas no cenário nacional devido sua atuação na chamada Segunda República.¹² Alguns desses nomes foram designados para realizar aquele intento de unificação, cuja orientação deveria se aproximar do marxismo-leninismo, seguindo os moldes da URSS.¹³

Os problemas resultantes da iniciativa do governo em organizar um partido eram motivados, em primeiro lugar, pelo tênue elo que ligava os grupos que compunham a organização. Jannete Habel (1965, p. 10) destacou que “[os cubanos] abordaram os problemas da construção do socialismo sem força política nem unidade orgânica”. Apesar disso, com o passar dos anos, a política cubana foi adquirindo um perfil de partido único no momento em que logrou organizar os movimentos para a construção das ORI. Com isso, o governo revolucionário criava uma nova instância de sua autoridade.

A delegação de funções aos antigos dirigentes socialistas pautava-se na necessidade da estrutura oferecida pelo velho partido comunista.

¹² O termo refere-se ao período entre os anos de 1940 até 1952. Nesta temporalidade, o cenário político do país foi caracterizado pela normalidade eleitoral e democrática após um período ditatorial durante a década de 1930 (BLAQUIER, 2010, p. 56).

¹³ Posteriormente, Fidel Castro comentou na entrevista concedida a Frei Betto: “Como tínhamos um número relativamente reduzido de quadros e, às vezes era preciso nomear alguém para uma determinada tarefa política que requeria muita confiança, procurávamos um velho militante comunista, o que nos dava mais segurança do que selecionar um companheiro mais novo e com menos formação”. (Betto, 1986, p. 236).

Além disso, os membros do PSP eram vistos como os que supostamente tinham conhecimento teórico sobre a transição ao socialismo. Ao mesmo tempo, contudo, os rebeldes do M-26 que estavam na direção política da Revolução, atuando na cúpula governamental e nos ministérios, tentavam conter a expansão dos comunistas dentro das fileiras do governo. Fidel Castro identificou no crescimento do Partido um processo de divisão dentro das forças revolucionárias e, devido a isso, representou, em seus discursos, as atitudes de alguns de seus membros como “sectárias”. Encontrava-se aí o cerne da crise institucional que irrompeu em março de 1962 e que girou em torno de Aníbal Escalante Dellundé, um importante membro do PSP que atuava nas fileiras do partido desde a década de 1940 como dirigente e intelectual, sendo responsável por cargos importantes dentro da organização e pela elaboração de textos teóricos referentes às interpretações da agremiação sobre o socialismo.

Escalante possuía o reconhecimento das demais lideranças da Revolução quanto à possuir a capacidade e os atributos suficientes para a estruturação do partido único, sendo indicado, por isso, para o cargo de Secretário Geral da ORI. Porém, sua atuação no decorrer do processo de organização do partido foi condenada pelos demais membros que compunham o secretariado¹⁴ e pelo governo por meio dos pronunciamentos do primeiro-ministro Fidel Castro. A condenação de Escalante pautava-se em suas indicações de membros do PSP para ocuparem cargos importantes na administração do partido, usando os poderes que lhe conferia sua função para controlar o aparato administrativo num processo de tomada de decisões que excluía os combatentes do M-26 e do Diretório Revolucionário.¹⁵

De acordo com Moniz Bandeira (2007, p. 410), Escalante tentou construir seu próprio poder no momento em que fora designado para aquele

¹⁴ O Diretório Nacional da ORI era composto pelos seguintes nomes: Fidel Castro, Raul Castro, Ernesto Guevara Osvaldo Dorticós Torrado, Haydeé Santamaría, Juan Almeida e Armando Hart Dávalos (todos do Movimento 26 de Julho); por Blas Roca, Carlos Rafael Rodríguez Aníbal Escalante, César Escalante, Joaquín Ordoqui, Lázaro Peña (representantes do Partido Socialista Popular) e por Faure Chamón (do Diretório Revolucionário Estudantil).

¹⁵ SLEE, Chris. *Cuba: how the workers and peasants made the revolution*. Resistance Book, Newtown, 2008.

cargo, por meio do controle das nomeações para a direção não somente do novo partido, como também de outras instâncias administrativas e militares, fazendo com que a presença dos comunistas em cargos de mando continuasse aumentando. Isso quer dizer que Escalante usou a velha estrutura do PSP para instrumentalizar e dominar as Organizações Revolucionárias Integradas. Sobre essa questão, Bandeira ainda destacou que alguns membros do PSP se voltaram à

[...] dominar o aparelho do partido em construção e da organização do Estado, crendo ou não que Castro renunciaria ao culto da personalidade e aceitaria, efetivamente, a direção coletiva, conforme sugerido, como condição para que a União Soviética fornecesse a Cuba maior ajuda econômica e militar (BANDEIRA, 2007, p. 409).

A passagem de Bandeira aponta para o fato de uma possível mediação que PSP faria entre a União Soviética e o alto escalão do governo rebelde. Lembramos que os comunistas cubanos articulados em torno do PSP mantiveram uma intensa proximidade com a URSS e seguiam as orientações táticas estabelecidas pelo PCUS desde a década de 1930. Quer dizer, as funções que partido havia desempenhado no meio político assim como experiências de seus quadros, foram determinantes nas atribuições que devia desempenhar a agremiação no novo contexto histórico.

Para Janette Habel (1965, p. 33), na época da organização da ORI, o “sectarismo” se manifestava na existência de um espírito de facção. Isso se traduzia na preferência e na confiança atribuída àqueles que haviam pertencido anteriormente ao PSP antes da tentativa de unificação. Devido a isso, seus antigos membros acabaram por ter proeminência, dominando a nova estrutura partidária. Ainda na visão da autora, o “sectarismo” era entendido, inclusive, como uma concepção mecânica sobre a formação ideológica e política, a qual relegava ao segundo plano os combatentes de primeira hora, alguns deles do M-26-7 e outros do DRE que efetivamente já haviam demonstrado sua consciência revolucionária.

Nesse sentido, a construção de uma estrutura partidária única apresentava duas faces. De um lado, a busca pela consolidação de Fidel como liderança absoluta da Revolução Cubana. De outro, a tentativa de

Escalante de minar esse poder e viabilizar a hegemonia dos comunistas. Diante desses fatos, Fidel Castro buscou condenar a postura daqueles quadros em relação ao encaminhamento que estava sendo dado à ORI. Nos discursos dos primeiros meses de 1962, Fidel taxou o processo de “sectário”, priorizando o encaminhamento das acusações diretamente a Aníbal Escalante, sem, contudo, aparecer o nome dele nos pronunciamentos. Em meio a esses acontecimentos, Fidel Castro censurou ainda mais veemente o comportamento que representou pela denominação “divisionista”.

El divisionismo — producto de toda clase de prejuicios, ideas falsas y mentiras—, el sectarismo, el dogmatismo, la falta de amplitud para analizar el papel que corresponde a cada capa social, a sus partidos, organizaciones y dirigentes, dificultan la unidad de acción imprescindible entre las fuerzas democráticas y progresistas de nuestros pueblos. (CASTRO, Praça da Revolução, Havana, 4 de Fevereiro de 1962).¹⁶

Quando Fidel pronunciou-se acerca da “falta de amplitude para analisar o papel que corresponde a cada partido” não cabe dúvidas sobre a quem ele se referia. Afinal o único partido que mantinha parte de sua estrutura era o PSP.¹⁷ Pela análise conjuntural, notamos claramente a advertência, ainda que subentendida nos pronunciamentos, feita aos membros do Partido, que na perspectiva de Castro estariam se mostrando como um empecilho à “democracia e ao progresso do povo”. Fidel comentou sobre a necessidade de correção dos erros que os revolucionários cometeram, iniciando com base nessa alegação um processo de depuração que provocou

¹⁶ Este discurso ficou conhecido como Segunda Declaração de Havana e se tornou posteriormente um documento importante para entender a conjuntura naquele momento, pois no pronunciamento, Fidel Castro falou sobre inúmeros fatos que haviam marcado a história da Revolução dentre os quais o rompimento das relações entre Cuba e os Estados Unidos, o compromisso socialista dos cubanos após 1961, a conquistas do governo no campo da educação e a importância da unidade para a vitória do processo revolucionário.

¹⁷ Apesar de o Partido Socialista Popular ter se dissolvido em 1960, seus membros ainda eram vistos como pertencentes a um mesmo grupo que matinha ideias próximas, além de contarem com o histórico de sua atuação na conjunta na história dos anos de 1940 e 1950.

a extinção da ORI. A retificação dessas falhas foi proposta por ele num momento de organização da administração pública, das funções do partido e do aparato político da Revolução que deveria ser guiado pelo marxismo-leninismo.¹⁸ Para tanto, era necessário eliminar as posturas que impediam o triunfo do processo e iniciar um processo de tomada de consciência em favor da Revolução, como ele mesmo defendeu:

¡Guerra a ese sectarismo, que lleva al privilegio, que lleva al pantano! ¡Salgamos de ese pantano inmundado de un sectarismo miserable! ¡Y empecemos, compañeras y compañeros, empecemos a hacer lo que la historia espera de nosotros, lo que la patria espera de nosotros, lo que América espera de nosotros, lo que el mundo espera de nosotros, con espíritu verdaderamente revolucionario, con espíritu verdaderamente nuevo, con espíritu verdaderamente creador, donde la piedra de toque de cada hombre y cada mujer de la patria sea el mérito, sea el espíritu de sacrificio, sea la conciencia revolucionaria, sea el amor a la Revolución! (CASTRO, Universidade de Havana, 13 de março de 1962).¹⁹

Em março daquele ano, Aníbal Escalante foi afastado sob a justificativa de que seu comportamento público individual estaria em desacordo com ideal de união de toda sociedade. Esse afastamento ficou conhecido como *Primeiro Processo a Escalante*, sendo que após seu desfecho, em 1962, Aníbal

¹⁸ Considerando os problemas relacionados aos responsáveis para construir o partido, Fidel delimitou o perfil esperado para os membros que deveriam desempenhar essa atividade: “Y esos serán los requisitos que se exijan: los mejores, la calidad, sin sectarismos de ninguna clase, sin privilegios de ninguna clase” (CASTRO, Ato de graduação de 300 instrutoras revolucionárias para as escolas domésticas, Teatro Chaplin, Havana, 16 de março de 1962.)

¹⁹ Este discurso foi pronunciado no ato de homenagem aos assaltantes do Palácio do Governo que foram mortos na tentativa de derrubar Batista em 1957 (ver a nota 26). Na ocasião, reuniram-se principalmente estudantes da instituição e foi neste momento em que Castro fez acusações mais enfáticas ao “sectarismo”. Percebemos que o assunto era uma preocupação do governo naqueles dias já que os discursos de março de 1962 tocam constantemente no tema e no final deste mês, Aníbal foi destituído de seu cargo. Também é importante notar o local em que essas acusações foram feitas, neste caso a Universidade de Havana, de onde surgiu o Diretório Revolucionário, para pensarmos a quem se direcionava a mensagem do governo.

deixou o posto de secretário geral da ORI e passou a residir na Rússia. O cargo que ele ocupava foi dado ao presidente cubano na época Osvaldo Dorticós. Para Moniz Bandeira (2007, p. 415), o processo à Escalante representou um combate à perpetuação de um comportamento bem característico dos comunistas que haviam se formado sob a influência do stalinismo, o que significava, dentre outras coisas, o fiel cumprimento a linha do Partido e às ordens de sua direção e às diretrizes do Departamento Internacional do PCUS. Tal argumento também é encontrado na historiografia cubana que aborda esse episódio, sendo que a justificativa para o afastamento de Escalante é quase sempre associada à sua formação intelectual comunista que determinava, quase que automaticamente, seu comportamento e conseqüentemente o levou àquela situação.

Entretanto, se nos pautarmos nos estudos sobre cultura política revolucionária,²⁰ percebemos que um de seus principais elementos era o apelo a necessidade de unidade em todas as instâncias políticas e sociais. Por isso, notamos que o caso de Aníbal era representativo da incompatibilidade com uma das necessidades fundamentais do momento histórico – que era unidade de todos os grupos que haviam participado do processo como uma forma de combater as divisões no seio da Revolução – de acordo com o entendimento dos líderes da própria Revolução, em especial os integrantes do M-26-7. Ao mesmo tempo, concordamos com o apontamento de Willian Leo Grande (1979, p. 462), para o qual os efeitos desastrosos da construção da ORI demonstraram a fragilidade da unidade revolucionária e posteriormente tiveram efeitos negativos no processo de reorganização das forças políticas em torno de um partido único.

O afastamento de Escalante foi tomado como um exemplo para ressaltar o que seria ou não aceito dentro da Revolução.²¹ À vista disso,

²⁰ Indicamos dois textos que abordam a temática: LABORÍ, María del Carmen Morales; & Machado, Benedicta Báez. *La cultura política y la continuidad de la revolución y el socialismo en Cuba*. Revista Varela, 2001. E: Rodríguez, Darío L. Machado. *Cultura política en Cuba: una aproximación sociológica*. Casa Editora Abril, La Habana, 2009.

²¹ O nome de Escalante voltou a aparecer na história cubana quando, em 1966, alguns documentos começaram a circular em Cuba, os quais faziam críticas ao encaminhamento dado a Revolução pelos líderes responsáveis por fazê-lo. A autoria de alguns desses documentos foi atribuída a Aníbal e com isso, teve início o chamado *Segundo Proceso a Escalante*, qual foi sentenciado, junto com outros 35, a 10 anos de prisão em 1968 sob a

novos nomes foram designados para compor o núcleo responsável por instrumentalizar o novo partido, dentre os quais estavam Ernesto Guevara, Oswaldo Dórticos, Blas Roca e Emílio Aragonés. Na redação do texto *O socialismo e homem novo em Cuba*, publicado tempos depois do episódio, Ernesto Guevara citou o nome de Escalante e sua política “sectária” no momento em que dissertava sobre os erros da Revolução, os quais implicaram na diminuição do entusiasmo coletivo expressado pelos cidadãos cubanos no ano de 1962. Ernesto escreveu que para detectar as falhas advindas das iniciativas de instâncias superiores do governo, o método utilizado era “quase intuitivo de auscultar as reações gerais face aos problemas colocados”. (Guevara, 1965). O encarregado dessa inquirição era Fidel Castro e o burô político composto pelos ministérios. Vemos, com isso, que a delimitação sobre o que era ou não aceitável dentro da Revolução, cabia, em grande medida, ao grupo que tinha Fidel como líder e que dominava as principais instâncias de poder do país. Então, sustentamos a ideia de que o caso Escalante também se relacionava a um problema de poder propriamente, ou melhor, de disputas por locais de poder, além do fundo ideológico e moral que diz respeito a defesa da união dos cubanos e de defesa da Revolução.

Em inúmeros momentos, Fidel Castro falou sobre a importância do comportamento revolucionário e marxista que os jovens deveriam ter para levar a Revolução a frente. A mensagem abaixo foi dirigida à juventude universitária no momento em que estavam constituindo a *Unión de Jóvenes Comunistas*. A crítica ao “sectarismo”, nesse caso, se direcionava tanto à prática de um comportamento sectário que se desenvolvia nas instâncias políticas e administrativas, como também ao que se esperava das futuras gerações, as quais seriam as responsáveis por coordenar e garantir o futuro da Revolução.

Ahora debemos seguir marchando adelante como una flecha disparada hacia el porvenir, trabajando bien, seleccionando lo mejor, poniéndoles fin a estas cosas minúsculas, a este tipo de sectarismo hueco y huero,

acusação de conspiração contra o governo revolucionário. O velho comunista morreu em agosto de 1977, em Havana (MAITAN, 1968, p. 155).

inútil. ¡Guerra a ese sectarismo, que lleva al privilegio, que lleva al pantano! ¡Salgamos de ese pantano inmundado de un sectarismo miserable! (CASTRO, Universidade de Havana, 13 de março de 1962).

Observamos, nesse sentido, que as críticas ao “sectarismo” também se relacionavam à formação de uma nova idiossincrasia e moralidade, traçadas pelos discursos de Fidel Castro por meio de condutas a serem aprovadas ou condenadas. Na perspectiva do sociólogo cubano Fernando Martínez Heredia (2001, p. 8), o combate ao “sectarismo”, assim como o conteúdo de *Palavra aos intelectuais*,²² eram o reflexo de um combate pela cultura política da Revolução frente as limitações e obstáculos que nasciam dela mesma. O processo de retificação dos erros destacado nos discursos de Fidel Castro teve como medida prática a criação do Partido Unido da Revolução Socialista (PURS), em 26 de março de 1962. Logo após a sua fundação, Castro destacou as condições para a organização do novo partido considerando o cenário surgido após a depuração de Escalante.

Ahora, las condiciones que se van creando son distintas: los oportunistas de cualquier tipo tienen las puertas cerradas. Hubo aquí algunos que se creyeron que la rectificación de errores era la justificación de otros errores; hubo, incluso, quienes no entendiendo bien lo del antisectarismo, trataron de disfrazar de antisectarismo su antimarxismo; hubo quienes se afilaron los dientes. Y, sin embargo, la rectificación de errores no quería decir un paso atrás, sino un gran paso adelante en todos los frentes (CASTRO, Havana, 27 de junho de 1962).²³

²² Documento que reúne três discursos proferidos por Fidel Castro em junho de 1961 na Biblioteca Nacional José Martí, no qual ele orientava os intelectuais e artistas presentes sobre o que deveria ser uma arte verdadeiramente revolucionária e quais as diretrizes deveriam ser seguidas no campo intelectual a partir daquele momento.

²³ Este pronunciamento foi numa reunião com os diretores das Escolas de Instrução Revolucionária no edifício da ORI. Acreditamos que Castro, com sua fala, queria deixar claro o que o governo esperava dos revolucionários e da formação deles para que os erros cometidos até aquele momento relacionado a uma postura necessária para a sobrevivência da Revolução não voltasse a ocorrer.

São visíveis no pronunciamento de Fidel as polêmicas resultantes do processo de afastamento de Aníbal, dentre elas, a acusação de “antimarxismo” transvertida em antisectarismo, o que levou Castro a condená-la, também, como parte da postura “divisionista”. Apesar de o processo de depuração ter atingido o objetivo de esvaziar alguns espaços de poder e afastar membros do PSP de cargos importantes, os ataques feitos ao “sectarismo” não acabaram. Segundo Janette Habel (1965, p. 39), desde que a crise do “sectarismo” se instalou um sentimento de desconfiança em relação aos antigos comunistas existia internamente. Tal característica foi se manifestando nos anos posteriores e alcançou sua crise mais aguda no processo contra Marcos Rodriguez, que será comentado a seguir.

A historiografia cubana e brasileira sobre o tema não apresentou interpretações que vão além da versão oficial do governo revolucionário, quer dizer, os textos que estudamos narram àqueles acontecimentos destacando o caráter factual e o papel de Fidel Castro. Porém, alguns indícios podem ser encontrados em obras e textos que abordaram indiretamente aqueles eventos. Algumas evidências sobre os conflitos daqueles anos estão nos relatos de Carlos Franqui, antigo combatente do Movimento 26 de Julho que trabalhou como editor do jornal *Revolución*. Em vários momentos de seu livro *Retrato de família com Fidel*, o autor destacou alguns desentendimentos, principalmente era os rebeldes do movimento armado e os comunistas do PSP. Franqui relatou que tentou alertar Fidel sobre o perigo que Escalante representava e sobre as atividades ilegais realizadas por Aníbal e seus partidários, sendo que no texto foi citado “perseguições, prisões arbitrárias e outras ofensas” praticadas pelos administradores do partido (FRANQUI, p. 139) e não apenas a busca pela dominação do aparato estatal. No decorrer da obra, o autor também narrou um episódio ocorrido em 1962 no qual Castro teria reconhecido pessoalmente à Franqui a tentativa deste de alertá-lo sobre Aníbal e teria falado sobre os erros cometidos pela direção da ORI. Devemos lembrar que ao fazer esse relato, Franqui encontrava-se exilado após romper com o governo revolucionário e por isso precisamos situá-lo historicamente para analisar com mais precisão seus discursos políticos. Entretanto, seu texto é uma fonte que deve

ser lida considerando a trajetória de seu autor, mas que não deixa de evidenciar as intrigas e diferentes posições que existiam nos bastidores do governo.²⁴

Por outro lado, podemos nos apoiar também num texto escrito pelo próprio Aníbal Escalante em 1960 no qual ele analisou o primeiro ano da Revolução Cubana. Não se trata de um documento sobre a temática específica deste artigo, mas seu conteúdo nos ajuda a pensar na posição de Escalante dentro do contexto. O texto foi lido numa reunião do PSP e publicado pelo partido posteriormente. Por meio da análise de seu conteúdo, notamos claramente a adesão e valorização feitas por Escalante das realizações do governo rebelde, declarando apoio incondicional à Castro e sugerindo maior aproximação entre Cuba e a União Soviética sob o pretexto da necessidade de novos parceiros econômicos. Ainda fez uma longa acusação à postura do governo estadunidense que, segundo ele, promovia ações para acabar com a Revolução. Podemos afirmar que, os elementos abordados no discurso de Aníbal se aproximam daqueles contidos nos de Castro. Ambos possuem não apenas assuntos em comum, mas a forma como entendem e anunciam alguns problemas vividos pelo país é igual. Por isso, para aquele momento específico, não podemos dizer que Escalante fazia qualquer oposição ou críticas ao governo publicamente. No documento em questão, Escalante falou pouquíssimo sobre o próprio partido e quando o mencionou foi para ressaltar que o papel dos socialistas naquele momento era o trabalho de fortalecimento ideológico e orgânico, não como uma expressão “sectária”, mas como um instrumento a serviço da Revolução. Em síntese, sustentamos que, tanto o PSP, de forma geral, como Aníbal Escalante, se mostravam como apoiadores incondicionais do processo revolucionário. Entretanto, quando a esfera de observação são os micropoderes e as instâncias administrativas, os conflitos entre os grupos eram mais latentes uma vez que nessas esferas

²⁴ Neste livro também nos chamou a atenção o prefácio escrito por Guillemo Cabrera Infante que, ao comentar as perseguições sofridas por Carlos Franqui, relatou um comentário feito por Aníbal Escalante a seu pai dizendo que Franqui era um inimigo do povo e do partido (FRANQUI, 1981, p. 9). Pensamos que a oposição entre esses dois personagens foi bastante intensa já que encontramos relatos em que ambos fazem comentários depreciando um ao outro. Para além de questões pessoais, acreditamos que eles representavam projetos diferentes que estavam constantemente em debate e conflito.

os projetos políticos eram formulados e era a partir dali que a trajetória da Revolução seria determinada.

Uma das poucas obras que trabalham essa temática é o livro intitulado *Proceso al sectarismo* publicado em 1965. Na primeira parte da obra há uma abordagem histórica escrita pela já citada jornalista francesa Janette Habel,²⁵ sobre o julgamento de Marcos Rodriguez Alfonso. Na segunda parte encontra-se a declaração de Fidel Castro ante o tribunal que condenou Rodriguez, segundo a versão difundida pela agência de notícias cubana *Prensa Latina*. Tal obra serviu-nos como fonte para entendermos outro conflito que opôs os comunistas do PSP e o Movimento 26 de Julho, sendo que tal contenda ficou conhecida como caso “marquitos” e diz respeito ao processo judicial iniciado pelas autoridades governamentais em março de 1964.

Nesta conjuntura, o PURS (*Partido Unido de la Revolución Socialista*) era a principal força política interna e através dele, de acordo com LeoGrande (1979, p. 464), a unidade revolucionária estava sendo instituída, quando, em março de 1964, uma nova crise política tão séria quanto o “sectarismo” destruiu o partido. Trata-se de uma nova condenação pública de outro velho membro do Partido Socialista Popular. Marcos Rodriguez foi membro partido, sem, contudo, desempenhar cargos da estrutura dele, e atuou na juventude socialista ligada à Universidade de Havana na época da ditadura de Batista. Pouco se sabe sobre trajetória individual de Marcos antes do julgamento a que foi submetido. Seus principais dados biográficos referem-se ao caso da suposta traição e à sua ligação com importantes membros do PSP, que, geralmente, é descrito um fator que possibilitou sua proteção no meio político cubano. De acordo com as narrativas de Jannete Habel e Willian LeoGrande, em abril de 1957, Rodriguez denunciou à Esteban Ventura, que era um aliado da ditadura, o esconderijo de quatro assaltantes que participaram do ataque ao Palácio Presidencial em 13 de março do mesmo ano,²⁶ os quais foram assassinados um dia após a prisão. Isso quer

²⁵ O texto em questão foi produzido por Janette Habel e publicado na revista francesa *Les Temps Modernes* na edição de agosto-setembro de 1964. O texto encontra-se em um livro publicado e editado na Argentina em 1965. Neste, os editores juntaram o texto de Habel com o pronunciamento que Fidel Castro fez ante o tribunal de julgou Marcos Rodriguez.

²⁶ Naquela data, um grupo de estudantes da Universidade de Havana atacou o Palácio Presidencial, residência de Fulgencio Batista com o objetivo de assassiná-lo. O fracasso

dizer que Marcos teria sido o responsável pela execução de membros do Diretório Revolucionário no momento em que denunciou onde os mesmos estavam escondidos.

Após a Revolução em 1959, Marcos permaneceu em Cuba e os rumores sobre a veracidade do episódio acima narrado aumentaram, principalmente após o crescimento do PSP dentro das fileiras do governo rebelde, o que estimulou a abertura de um processo judicial devido a pressão de antigos membros do Diretório Revolucionário, em especial Faure Chomón. Após algumas sessões que reuniram importantes personalidades políticas, como o próprio Fidel Castro que, inclusive, falou durante o julgamento, Marcos foi condenado à execução pelo pelotão de fuzilamento sob o crime de alta-traição.

Habel (1965, p. 9) destacou que o processo de Marcos Rodriguez provocou uma crise de amplitude nacional na medida em que expôs novamente o problema da unidade dentro das forças revolucionárias. Mais uma vez, Fidel Castro se pronunciou a fim de inquirir e avaliar a situação e, em seus pronunciamentos na época, estabeleceu uma relação direta entre a postura de Aníbal e Marcos, atacando os antigos membros do PSP. Isso ficou evidente quando compareceu ao tribunal que julgou Rodríguez e em seu discurso destacou:

Y puesto que la suma del error, más la actividad de los contrarrevolucionarios, de los intrigantes, de los farsantes, de los hipócritas, que no les importa un bledo la Revolución, estaban situando la Revolución en duda, en entredicho, fue necesario discutirlo así, y fue necesario discutirlo aquí (CASTRO, 1965, p. 115).

O caso “marquitos” demonstra a utilização, por parte do governo, dos rumores que circulavam sobre o crime de Rodríguez buscando elaborar uma resposta ao problema que atendesse também aos seus interesses de eliminação dos rivais na disputa pelo poder revolucionário. Novamente, voltamos à cultura política revolucionária com destaque à importância que a

da ação resultou na morte de alguns daqueles participantes, como Antonio Echeverría, na prisão e na fuga de outros.

ideia de justiça e de julgamento dos criminosos havia adquirido no imaginário político da época. Lembramos que logo após a vitória dos rebeldes em 1959, o governo instituiu tribunais populares para julgar os criminosos ligados à ditadura e os crimes praticados em nome do regime de Batista. Ademais, quando analisamos os discursos de Fidel Castro, percebemos a afirmação da justiça como um dos pilares da própria Revolução. Por isso, acreditamos que o caso de Marcos Rodriguez ganhou tal amplitude, uma vez que a necessidade de seu julgamento relacionava-se a um dos principais elementos da cultura política revolucionária que era o cumprimento da justiça e a punição exemplar aos crimes.

Além dos casos que citamos, a depuração de membros do Partido Socialista Popular foi mais ampla. Em novembro de 1964, Joaquín Ordoqui, vice-ministro das Forças Armadas, membro da direção do PURS e amigo de Marcos, foi destituído de seu cargo sob a acusação de que alguns aspectos de sua conduta política na época da ditadura de Fulgencio Batista não estavam claros. A esposa de Ordoqui, Edith García Buchará, que era vice-diretora do Conselho Nacional de Cultura, também foi destituída. O mesmo se sucedeu com Carlos Rafael Rodriguez,²⁷ que foi removido em 1965 da presidência do Instituto Nacional de Reforma Agrária.

No decorrer da década de 1960, em meio ao processo de regulamentação das diferenças no interior da administração revolucionária, Fidel Castro e outros líderes combateram o que consideraram como processo de microfração, destacando que somente a unidade das forças e dos grupos e a nova moralidade revolucionária seriam capazes de conter o burocratismo e o “divisionismo” que ameaçavam o avanço da Revolução. Julio César Guanche (2011, p. 21) destacou que a consolidação de um discurso pautado na unidade demonstrou a leitura feita pelo governo cubano de um contexto no qual as inúmeras formas de oposição ameaçavam o encaminhamento da Revolução. Quer dizer, o conceito de “unidade revolucionária” era relacionado diretamente à capacidade de sobrevivência da Revolução,

²⁷ Político e intelectual comunista cubano ligado ao Partido Socialista Popular. Após a saída de Rodriguez do cargo de presidente do INRA, ele atuou em altos postos da política cubana. Percebemos, então, que em sua trajetória, Rodriguez manteve-se ligado ao Movimento 26 de Julho e ao governo e produziu textos de cunho mais teórico sobre o socialismo e sobre a realidade cubana.

e a sobrevivência da revolução era associada diretamente à liderança de Castro. Ao mesmo tempo, os casos trabalhados nesse artigo, indicam que, na perspectiva das autoridades rebeldes, o afastamento e julgamento de Marcos e Escalante também se relacionavam à sobrevivência da Revolução, mesmo que o resultado final de ambos os casos fosse o rompimento e a divisão nas fileiras administrativas e políticas.

Pelo exposto, percebe-se que se colocar numa posição adversa àquela assumida por Fidel Castro e pelo núcleo dirigente em torno dele, ou então ameaçar a Revolução com posturas consideradas inadequadas, era “arruinar-se” como classe, grupo ou indivíduo. Concordamos com a perspectiva de Rafael Rojas, o qual afirma que para sobreviver na vida política do país era indispensável uma lealdade ao partido e a Fidel. Escalante, Ordoqui e outros membros do PSP foram mais leais à instituição e não sobreviveram até o final. Décadas depois desses acontecimentos, Castro ainda comentava sobre um dos temas transversais em seus discursos: o combate à oposição por meio da unidade, adjetivando aquilo como um processo incansável de luta contra o “sectarismo” até a fundação do PCC em 1965, taxando as dissidências a sua liderança como contrarrevolucionária, incapaz de entender o momento revolucionário vivido pela ilha naqueles tempos (BETTO, 1986, p. 237).

Conclusão

No combate ao “sectarismo” notamos um conflito relacionado a esfera do poder existente entre as lideranças do M-26 e o PSP. Os principais acusados de atividade “divisionistas”, ainda que atuassem a favor da revolução foram os militantes comunistas. Podemos aferir disso a conclusão de que a organização do estado revolucionário não se deu sem conflitos internos, e a particularidade dele encontra-se quando analisamos os casos de rompimento com Revolução de personagens importantes da época como também os afastamentos e processos que agentes políticos sofriam.

Muitas vezes, a justificativa do governo para o afastamento e para a instalação de processos judiciais se encontrava na incompatibilidade no comportamento ou no pensamento de alguns atores em entender e agir

de acordo com os condicionamentos impostos e esperados na cultura política que se formava. O que vemos é que tais condicionamentos foram forjados por um grupo específico que dominou o aparelho do estado após a Revolução. Falamos do Movimento 26 de Julho, responsável, em grande medida e por meio das intervenções de Fidel Castro, pela delimitação do que seria aceito ou não no processo revolucionário.

Isso quer dizer que na análise daquela conjuntura é de fundamental importância considerar o processo de afirmação do grupo de Fidel Castro no poder e de que forma foram constituídos os elementos da nova cultura política revolucionária. Na análise do caso de Aníbal Escalante, vemos um episódio de afirmação do poder do M-26-7 ao representar a postura de Escalante como “divisionista” e conseqüentemente afirmar o discurso de Fidel como aquele que representava a unidade. O mecanismo usado para fazê-lo foi a delimitação dos elementos que deveriam ser aceitos. Naquele contexto as ideias de justiça e união de todo o povo deveriam ser compreendidas como justiça e unidade em torno da liderança de Fidel Castro e o núcleo duro do comando revolucionário, tornando-se elementos fundamentais para a sobrevivência da Revolução. Por causa disso, os casos e posturas que iam contra essas ideias deviam ser combatidos.

Em Havana, antes de finalizar a primeira década de Revolução, muitos militantes que começaram os anos 60 apoiando o governo rebelde, já não estavam mais ao seu lado: alguns optaram por romper com o processo, outros haviam deixado Cuba sem declaração explícita de oposição, ou foram afastados pelo próprio governo. Percebemos que dentre os primeiros problemas enfrentados pela Revolução estão aqueles relacionados com a necessidade de definir a orientação do novo governo. Os eventos estudados neste artigo nos colocam diante de uma dicotomia: ao mesmo tempo em que o governo condena publicamente a postura “divisionista” como um ato contrarrevolucionário, ele afastava alguns indivíduos de suas posições políticas, o que provocava ainda mais divisão. O Primeiro e o Segundo processo de Escalante e o caso de Marcos Rodriguez servem como expressão da mais aguda tensão existente entre os possíveis desenvolvimentos da Revolução e aquilo que essas tensões viriam a se tornar no futuro num contexto de disputas pela hegemonia do processo revolucionário.

Referências

- BETTO, F. *Fidel e a Religião: conversas com Frei Betto*. 17. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- BLAQUIER, A. R. *Primer Partido Comunista de Cuba*. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2010. Tomo 2.
- CASTRO, F.; HABEL, J. *Proceso al sectarismo*. Buenos Aires, 1965. (Colección de Política Concentrada, n. 12).
- CASTRO, F. *Discursos*. 1959 – 1962, Cuba. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/index.html#f281106>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2013.
- ESCALANTE, A. *Un año de revolución*. La Habana: Tipografía Ideas, 1960. (Colección *Velada de los jueves*).
- FRANQUI, C. *Retrato de família com Fidel*. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- GORENDER, J. *Combate nas trevas: a esquerda e as ilusões da luta armada*. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- GOTT, R. *Cuba: uma nova perspectiva*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- GUANCHE, J. C. A democracia em Cuba. *Revista Estudos Avançados*, v. 25, n. 72, 2011.
- GUANCHE, J. C. La Crisis de las Tijeras: paradojas de una revolución en curso. *Harvard Review of Latin America*, 2009.
- GUEVARA, E. *O socialismo e o homem novo em Cuba*. 1965. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/guevara/1965/03/homem_cuba.htm>. Acesso em: 13 de março de 2015.
- HEREDIA, F. M. La alternativa cubana. In: SAXE-FERNÁNDEZ, John (Coord.). *Tercera vía y neoliberalismo*. México: Siglo XXI Editores, 2001.
- LEOGRANDE, W. Party development in revolutionary Cuba. *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, v. 21, n. 4, 1979.
- LÖWY, M. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. Trad. Cláudia Schilling e Luís Carlos Borges. 3. ed. ampl. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012.
- MAITAN, L. The condemnation of Aníbal Escalante. *World Outlook - a labor press service*, v. 5, n. 7, 1968.
- MISKULIN, S. C. *Cultura Ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1951)*. São Paulo: Xamã, 2003.

- MONIZ BANDEIRA, L. A. *De Martí a Fidel: A revolução cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SLEE, C. *Cuba: how the workers and peasants made the revolution*. Newtown: Resistance Book, 2008.
- RAMONET, I. *Cien horas con Fidel: conversaciones con Ignacio Ramonet*. La Habana, Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 2006.
- ROJAS, R. Anatomia do entusiasmo: cultura e revolução em Cuba (1959-1971). *Tempo Social - Revista de sociologia da USP*, v. 19, n. 1, p. 71-88, 2007.
- ROLLEMBERG, D. *O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.